

Se ainda estivesse vivo, o cineasta consagrado de "Viridiana" e de "O anjo exterminador" estaria completando seu centésimo aniversário no próximo dia 22

## Luís Buñuel faz 100 anos



Leandro Konder

**Q**uando estava com 82, o extraordinário homem de cinema publicou um livro, com suas recordações, sugestivamente intitulado "Meu último suspiro". Como não era escritor, pediu a Jean-Claude Carrière, roteirista de seis dos seus trinta e dois filmes, para ajudá-lo a redigir a obra, que saiu no Brasil em 1982 (se não me falha a memória), lançada pela editora Nova Fronteira.

Vale a pena reler "Meu último suspiro" agora, quando alguns admiradores fiéis vão comemorar o centenário de seu falecido autor. É um livro tão irreverente e tão iconoclasta quanto os melhores momentos da sua produção cinematográfica.

O tom das memórias de Buñuel é dado logo na primeira página, quando o artista lembra sua mãe e conta que ela, no fim da vida, estava tão desmemoriada que os parentes lhe davam sempre a mesma revista para ler; e a velhinha a lia com interesse renovado, como se estivesse lendo uma revista nova.

Buñuel nasceu numa cidadezinha dominada por costumes e crenças medievais; e foi educado por padres jesuítas. Apesar disso (ou talvez por isso mesmo), tornou-se ateu desde a infância.

Em Madri, ficou amigo do poeta Federico Garcia Lorca e do pintor Salvador Dali. Tinha por ambos a maior admiração. Um dia lhe disseram que Garcia Lorca era homossexual. Buñuel, preconceituoso, interpelou o poeta; Lorca se aborreceu, rompeu relações com ele. Poucos dias depois, se reconciliaram e o cineasta passou a evitar o tema nas conversas com o amigo.

Na época em que conheceu Federico, Buñuel era - segundo diz - um espírito bastante primitivo. "Pela força de nossa amizade ele me transformou, me fez conhecer um outro mundo. Devo-lhe mais do que poderia expressar."

Já a amizade com Salvador Dali foi perturbada pela entrada em cena de Gala, a mulher com que o pintor veio a se casar. Buñuel passou a odiá-la, convencido de que, com seu espírito interesseiro, argentário, ela corrompeu Dali. Gala, de acordo com o autor de "Meu último suspiro", tinha "o pior defeito" que uma mulher podia ter: "as coxas separadas".

Em certa ocasião, o ódio se tornou tão incontrolável que ele começou a estrangulá-la. Dali se ajoelhou a seus pés, implorando-lhe que a poupasse. Buñuel, então, desistiu do estrangulamento e explicou: "Eu só queria ver a pontinha da língua dela aparecendo." (Mais tarde, com sua espantosa sinceridade, o cineasta confessou que teve um sonho erótico com a odiada mulher do amigo.)

Em Paris, na segunda metade dos anos vinte, Buñuel se entrosou com o grupo dos surrealistas. Ficou fascinado por uma pesquisa publicada pela revista *La Révolution Surrealiste*, na qual os leitores respondiam a perguntas como "onde você gosta de fazer amor?" ou "como se masturba?". Tornou-se amigo dos poetas André Breton e Paul Eluard, bem como do notável fotógrafo Man Ray.

Os surrealistas compareceram a uma exibição do filme de estreia de Buñuel "Le chien andalou". Como tema que o vaiassem, o cineasta foi ao evento com os bolsos cheios de pedras, para apedrejá-los. Mas eles o aplaudiram e Buñuel ficou feliz de ser acolhido pelo grupo.

Os surrealistas, na época, criavam grandes tumultos, recorriam com frequência à arma do escândalo. Em 1966, Buñuel voltou a encontrar André Breton, velho e desanimado, e o ouviu declarar: "É triste ter que disê-lo, meu caro, mas o escândalo já não existe." Ti-



Glauber Rocha percebeu que Luis Buñuel, nos últimos anos, estava meio surdo. Mas apenas não ouvia o que não o interessava. O cineasta brasileiro considerava-o companheiro um "pensador"



Muito amigo de Salvador Dali, Buñuel teve por duas vezes a amizade em risco: quando soube que o amigo era homossexual e quando tentou estrangular a mulher do pintor

nha passado o tempo em que se podia épatar la bourgeoisie: na segunda metade do nosso século, a burguesia, em vez de se escandalizar, passou a faturar em cima dos pretensos escândalos.

Buñuel e foi um dos artistas que mais lamentaram essa mudança, já que sua inclinação natural e seu temperamento o levavam a sacudir os hábitos arraigadamente preguiçosos dos espectadores, procurando abrir-lhes a sensibilidade para o novo, para a necessidade de eles se renovarem.

Em seu segundo filme, "L'âge d'or", ele criou um personagem para homenagear o Marquês de Sade, um de seus ídolos. Para desempenhar o papel desse personagem escandaloso, escolheu o ator Lionel Talém, que costumava representar Jesus, nas filmagens da "Vida de Cristo". A irritação dos círculos conservadores foi imensa: o grupo dos Camelots du Roi, de extrema direita, jogou bombas na tela, quando o filme estreou.

Para aperfeiçoar seus conhecimentos da técnica do cinema, Buñuel foi para os Estados Unidos. Em 24 de dezembro de 1930, estava na casa de Charles Chaplin, convidado para uma ceia. Alguém teve a péssima idéia de recitar em voz alta um poema patriótico. Buñuel teve um acesso de fúria e destruiu com as mãos a árvore de Natal, diante dos olhos esbugalhados dos demais convidados. Uma semana depois, Chaplin tornou a convidá-lo, para festejar a passagem do ano. Como havia outra árvore de Natal, armada na sala, o anfitrião pediu ao cineasta que, se resolvesse destruí-la, não desse cabo dela antes da meia-noite. Buñuel, contudo, prometeu que não a destruiria; e acrescentou: "... desde que não declamem poemas patrióticos."

Nos seus últimos anos, o autor de "Los olvidados" já tinha se transformado num mito do cinema. Uma deficiência de audição ajudava-o a preservar sua solidão. Glauber Rocha, que o considerava um pensador e lhe dedicava imensa admiração, notou que ele era meio surdo, mas continuava capaz de ouvir tudo aquilo que lhe despertava interesse, limitando-se a ignorar sabiamente o som das palavras que não lhe diziam nada que valesse a pena.

"Meu último suspiro" está cheio de episódios saborosos, que tornam a sua leitura extremamente agradável. O valor dessas recordações, entretanto, vai além da amenidade: elas nos trazem o testemunho bem-humorado e valente de um expoente da cultura do nosso século, que foi adversário implacável de todas as hipocrisias, de todas as superstições e de todos os fanatismos.

Buñuel foi um espírito inquieto, um rebelde, um artista que estava convencido de que o mundo é regido pelo acaso e pelo mistério. Ele escreveu: "Em algum lugar, entre o acaso e o mistério, insinua-se a imaginação, liberdade total do homem."

Não sei se a palavra "pensador", usada por Glauber para caracterizar Buñuel, é a mais adequada. Buñuel nunca se preocupou com a coesão de seus conceitos, nunca atribuiu especial importância à articulação de suas idéias gerais. Mas a afirmação de Glauber contribui para chamar a nossa atenção para a sabedoria densa que se manifesta nos melhores momentos da obra do cineasta.

Buñuel tem em comum com os genuínos pensadores uma curiosidade ilimitada, insaciável. A única coisa que ele não poderia deixar de lamentar na morte era o fato de que, com ela, não mais poderia ficar sabendo das coisas que acontecem no mundo. Morto - disse ele - "estarei impossibilitado de ler os jornais". Desligado da participação na vida, da "curtição" das boas coisas que a vida nos proporciona.

Tenho certeza de que, esteja ele onde estiver, deve estar irritadíssimo com o fato de não poder estar acompanhando o que está sendo dito e o que está sendo feito por ocasião do seu centenário.